

Trabalhos arqueológicos na Coudelaria de Alter

Jorge de Oliveira*

OS mais de vinte quilómetros de muro que envolvem os oitocentos e cinquenta hectares de terras de pastagem que formam a Coudelaria de Alter escondiam um importantíssimo património arqueológico, até agora, completamente desconhecido. Leite de Vasconcelos, Afonso do Paço, Georg e Vera Leisner e até Farinha Isidoro que muito investigaram por esta zona do Alentejo nada noticiaram sobre a Coudelaria de Alter, fundada por vontade de D. João V, em 1748. Provavelmente, a inexistência de informações arqueológicas ter-se-á ficado a dever ao apertado controlo de acesso ao seu interior, especialmente durante o tempo em que esta coude-laria esteve sob a tutela militar. Contudo, se na bibliografia arqueológica nada se encontra regis-tado sobre esta propriedade já entre os manuscritos existentes na Biblioteca Pública de Évora identificámos um documento anónimo, datável dos finais do século XVII, ou inícios do século XVIII intitulado “Antiguidades de Alter do Chão” (B.P.E. Cód. CIX/1-16, nº 67). Neste curto manuscrito o seu anónimo autor descreve um alargado número de sítios arqueológicos situados nas imediações de Alter do Chão, onde se incluem várias antas. Sobre estes testemunhos neolíti-cos este documento diz-nos que: *No termo da Vila de Alter do Chão se acham vários edifícios dos antigos; como são, uma anta no Reguengo nos montes Morenos e outra na Coutada do Arneiro, outra em uma azinhaga chamada do Pereiro, outra na cabeça chã em uma Courela chamada da antinha, outra às Torrejonas em uma Courela que chamam da Capela, outra à Cabeça da Azinheira em uma Courela da Fábrica; no Mato de Alter se acham também duas uma no Vale de João Soares, outra no Vale do Borrvalho (...)*. Pela leitura deste documento e se a toponímia se tiver mantido inaltera-da, poderemos afirmar que, pelo menos duas das antas aqui referidas, a Anta do Reguengo e a da Coutada do Arneiro se situam na área da Coudelaria. Serão, assim e respectivamente, a Anta da Horta e Anta da Soalheira. A primeira situa-se na parcela denominada Reguengo e a segunda na parcela ainda hoje conhecida por Coutada do Arneiro.

No âmbito do protocolo de colaboração estabelecido entre a Universidade de Évora e a Coudelaria de Alter e por convite do director desta instituição, Dr. João Costa Ferreira, os tra-balhos de campo tiveram início com a prospecção sistemática de toda a propriedade. Esta pros-pecção dirigida por Clara Oliveira, docente da Universidade de Évora, veio a revelar mais de uma vintena de arqueossítios, onde se incluem sete antas, quatro ou cinco manchas de *habitats* neolíticos, um provável sítio calcolítico, várias sepulturas escavadas na rocha, um *habitat* con-temporâneo desta necrópole, as ruínas de uma igreja e vários troços de calçada.

Concluída a prospecção desenvolveram-se duas campanhas de estudos arqueológicos que visaram o conhecimento e a reabilitação de diferentes arqueossítios de forma a serem incluídos no circuito turístico da Coudelaria de Alter. Estas campanhas foram co-financiadas, respectiva-mente, pelo Programa Operacional da Cultura e pela Acção Integrada do Norte Alentejano, decorrentes de candidaturas apresentadas pela Coudelaria de Alter.

* Universidade de Évora. joli@uevora.pt.

Nesta comunicação apresentam-se, resumidamente, os resultados dos trabalhos efectuados em cada um dos arqueossítios onde se desenvolveram sondagens ou escavações. Um estudo alargado sobre os trabalhos efectuados na Coudelaria de Alter encontra-se a ser preparado para publicação.

Habitat do Neolítico Antigo da Porta do Tempo

Ainda fazendo parte da zona do Reguengo, junto ao muro de limite da Coudelaria antiga, no qual se abre a pequena Porta do Tempo, também conhecida por Porta dos Cantos, por entre uma ampla extensão de afloramentos graníticos, intercalam-se pequenos espaços bem abrigados. Nestes nichos identificam-se, à superfície, fragmentos de cerâmica pré-histórica e sílex talhados. Com base nestes indicadores superficiais procedemos, ao longo deste projecto, à abertura de três áreas de escavação em diferentes locais desta extensa plataforma de afloramentos graníticos. Os três locais onde procedemos a escavações, *Locus 1*, *Locus 2* e *Locus* da Toca da Raposa, apresentam, invariavelmente, terras muito soltas e húmidas, nas quais não foi possível, também devido à sua pouca profundidade, isolar, com segurança, unidades estratigráficas. Nestas sondagens foi possível identificar três espaços de *habitat* com ocupação segura do Neolítico antigo. Os materiais recolhidos são caracterizados por cerâmicas decoradas por incisão, impressão e aplicações plásticas que maioritariamente cobrem toda a superfície externa. Nestas cerâmicas registam-se vários fragmentos com decoração “cardial”. Os conjuntos artefactuais líticos lascados foram, maioritariamente, obtidos em sílex, nos quais se isolam lamelas, núcleos preparados e maioritariamente esgotados e restos de talhe. O reduzido material lítico polido é caracterizado por machados de secção circular, apenas polidos na extremidade distal e dois pequenos dormentes em granito. No *Locus 2* foi possível recolher um fragmento de ídolo-placa em arenito, inacabado e fracturado. Nesta sondagem identificou-se um pendente em xisto, perfurado numa das extremidades, com forma sub rectangular.

Nas três áreas escavadas, sob a camada de terra e directamente assente sobre a rocha de base, identificaram-se fundos de cabanas, formados por empedrados irregulares. No *Locus 1* o fundo de cabana é limitado na face norte por um murete de pedra seca sendo a restante perimetria definido pelos afloramentos graníticos. Em todos estes *locus* de *habitat* foi possível reconhecer a existência de canais para drenagem das águas pluviais que escorressem pelas superfícies dos afloramentos. Nos *locus 1* e *2* estes canais resumiam-se a uma estreita conduta aberta no granito alterado, em cota inferior ao empedrado da base do *habitat* e que acompanhava o contorno dos batólitos que definem o espaço de vivência. No *Locus* da Toca da Raposa os canais de drenagem apresentavam-se muito mais elaborados. As condutas eram revestidas por finas placas de granito colocadas em V. A sua funcionalidade manteve-se até hoje perfeitamente operacional e foi por nós confirmada durante a escavação nos dias de forte pluviosidade. Também nós à semelhança das gentes do neolítico montámos coberturas leves suportadas por postes na área onde estávamos a trabalhar. Esta cobertura evitava que a chuva caísse directamente sobre o *habitat*, contudo as águas que escorriam dos afloramentos teriam inundado todo espaço caso no neolítico não tivessem rasgado canais periféricos que conduzem as águas para o exterior. Por outro lado, o empedrado da base do *habitat* ao elevar mais de quinze centímetros o fundo da cabana consegue manter seco todo o espaço de vivência. Na zona central do *Locus* da Toca da Raposa, no meio do empedrado identificou-se uma placa térmica obtida por uma espessa camada de argila, várias vezes refeita, onde se situaria a lareira. As pedras que limitavam esta placa térmica apresentavam sinais de terem sofrido altas temperaturas. Neste espaço foi ainda possível identificar um buraco de poste central. Este buraco apresentava ainda no seu perímetro pequenos blocos de granito que teriam funcionado como calços do poste que aí teria sido montado para suportar a cobertura. Embora seja difícil determinar a duração da ocupação deste espaço, porque não foi possível isolar estratigrafias, estamos certos que se prolongou ainda por longo tempo. Esta dedução assenta na espessura e nas camadas de reabilitação da placa térmica, bem como na abundância de fragmentos de cerâmica identificados ao longo da escavação.

Um ponto central do *Habitat* da Porta do Tempo possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 29613897; Y – 4342273; Geográficas: 007° 40' 50" W; 039° 13' 20,1" N.

Habitat do Neolítico Antigo do Reguengo

Na extremidade nascente da Coudelaria, onde até à década de 40 do século XX se situava a aldeia do Reguengo, por entre um grupo de afloramentos graníticos, identificaram-se à superfície materiais arqueológicos que indicavam a presença de uma ocupação bastante recuada no tempo. Especialmente em torno do mais alto afloramento da Coudelaria, a denominada Pedra da Águia, eram visíveis fragmentos de cerâmica pré-histórica, restos de talhe e lamelas em sílex, percutores e elementos de mó. Contudo, no mesmo contexto estavam presentes fragmentos de tijolos e telhas de características modernas e outros que apontavam, igualmente para a ocupação romana. Pelos vestígios superficiais tudo nos indicava estarmos em presença de uma contínua ocupação do espaço desde a pré-história até meados do século XX. Considerando a riqueza e diversidade dos materiais de superfície optámos por marcar diversas sondagens descontínuadas no entorno da Pedra da Águia. A primeira opção foi um nicho, bem protegido por afloramentos, situado na face poente do grande batólito, a que se seguiram outras sondagens na face virada a norte numa suave plataforma, igualmente definida por formações graníticas.

A primeira sondagem veio a evidenciar um apertado habitat neolítico com base de empedrado, ainda que muito destruído. Sobre a base registou-se uma camada de terra muito humosa composta maioritariamente por manta morta, a que se seguiu um segundo nível de terras mais compactas e claras com presença de matérias de todas as épocas. Sob esta unidade identificou-se uma fina camada de terra clara com ausência de materiais, correspondendo a uma fase de abandono. Retirada a camada estéril começaram a identificar-se o topo dos blocos mais altos do empedrado. Estes estavam envoltos por uma terra de cor castanha clara, onde ocorriam fragmentos de cerâmica, maioritariamente lisa, fragmentos de lamelas e restos de talhe. Concluída esta sondagem demos início à abertura de outra encostada à face norte da Pedra da Águia. A potência de solo nesta zona ultrapassou os 100 cm. Os primeiros níveis eram formados, maioritariamente, por materiais modernos e contemporâneos, onde ocorriam, esporadicamente fragmentos de tijoleiras romanas e fragmentos de cerâmica pré-histórica. A cerca de sessenta centímetros de profundidade identificou-se uma unidade formada por terras muito compactas com presença exclusiva de fragmentos de materiais de construção romanos. Sob a unidade de ocupação romana identificou-se uma forte camada de terra clara, muito compacta, onde ocorriam, esporadicamente, alguns fragmentos de cerâmica de características pré-históricas. Por fim e quando nalguns locais já começava a emergir a rocha de base, nalgumas concavidades, foi possível identificar, exclusivamente cerâmicas pré-históricas, algumas decoradas, restos de talhe e dois fragmentos de lamelas em sílex. Nesta sondagem não se detectaram os já tradicionais empedrados de fundo de cabana. Concluída esta sondagem abriram-se mais três sondagens, descontínuadas, na plataforma que se abre a norte da Pedra da Águia. Nestas sondagens veio a detectar-se uma fraca potência de solo onde ocorriam, em revolvimento, terras muito húmidas, com presença de materiais de todas as épocas.

Por último e na esperança de se identificar algum nível ocupacional selado optou-se por se abrir uma sondagem na face sul da Pedra da Águia. Nesta sondagem, a cerca de sessenta centímetros de profundidade veio a identificar-se um nível de empedrado sobre o qual ocorriam cerâmicas decoradas por incisão, impressão e aplicações plásticas, restos de talhe, lamelas e dois machados de secção circular. Este empedrado, era limitado junto aos afloramentos por um canal de drenagem, não estruturado, aberto no saibro. No limite nascente do empedrado, envolto por termoclastos, identificaram-se dois fornos para alimentos obtidos em argila múltiplas vezes cozida. Estes fornos, dos quais apenas subsistiu a parte inferior, apresentavam uma forma oval e eram preenchidos na base por pedras naturalmente aplanadas que funcionariam como acumuladores térmicos. Esta base de cabana prolongava-se para sul mas por falta de recursos não foi possível alargar a escavação.

Mais uma vez estamos em presença de uma ocupação atribuível aos inícios do Neolítico à semelhança do que se detectou no *Habitat* da Porta do Tempo.

O Habitat Pré-Histórico do Reguengo possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS num ponto central dos afloramentos: UTM: X – 614157; Y – 4342784; Geográficas: 007° 40' 39.1" W, 039° 13' 34.3" N.

Santuário e arte rupestre das Oliveiras do Feitiço

A escassos cinquenta metros para sul da Pedra da Águia, no prolongamento da linha de afloramentos graníticos identificaram-se várias rochas com “cavinhas”. Nesta zona um grupo de batólitos define um espaço acolhedor envolto por centenárias oliveiras, às quais os mais idosos denominam de “Oliveiras do Feitiço”. A esta denominação encontra-se associada a uma lenda que parece afastar daquele local as pessoas na possibilidade de sobre elas se projectar um feitiço amaldiçoado. A evidente presença das cavinhas às quais se vieram a juntar outras manifestações artísticas detectáveis com luz rasante e a presença superficial de cerâmicas pré-históricas, levaram-nos a proceder à leitura, com luz rasante e decalque de todos os painéis, assim como à escavação do espaço interno definido pelas ditas oliveiras com feitiço.

O levantamento com luz rasante veio a facultar-nos a identificação de outras cavinhas, filiformes, mas e especialmente na Rocha 20 um interessante painel. A Rocha 20, a única deste conjunto que aí foi colocada, apresenta na face vertical orientada a este, para além de claros sinais de ter sido a única a sofrer cortes e posteriores tentativas de fractura, um disco solar raiado e, pelo menos, duas figurações lunares. O disco solar emerge de um grande nódulo circular, de coloração diferente da restante rocha, cujo contorno foi reavivado e do qual nascem vários raios. Na zona central do nódulo foi aberta uma pequena concavidade. Esta decoração só é hoje possível observar com luz rasante ou quando sol do Verão se começa esconder e os seus raios incidem lateralmente na face virada a nascente. As cavinhas identificadas nos outros afloramentos apresentam diferentes origens. Umas são totalmente artificiais e outras resultaram da extracção de nódulos inclusos no granito cujos negativos foram posteriormente regularizados e nalguns casos polidos. Encontram-se cavinhas em todas as superfícies, sendo as mais evidentes as que se localizam na parte superior dos afloramentos, mas também são estas as que apresentam maior erosão, porque mais expostas aos elementos.

A sondagem a aberta no interior do espaço das Oliveiras do Feitiço realizou-se a nascente da Rocha 20 e abrangeu todo o espaço interno deste nicho. O primeiro nível é constituído por terras soltas e granuladas, onde se verifica a presença de materiais de épocas distintas, tais como seixos rolados, em quartzito, que podem indicar um contexto pré-histórico, restos de madeiras, pregos, vidros, cerâmicas recentes e plásticos. Quer pela qualidade da terra, quer pelos materiais exumados, consideramos estar na presença de um nível de revolvimentos recente, provavelmente de uma utilização deste espaço para guarida de animais. Esta camada prolongava-se, em média, até 20cm de profundidade.

O segundo nível, com uma potência média de 30cm, apresenta terras menos granuladas e ligeiramente mais compactadas. Estaremos ainda em presença de um nível de revolvimentos, onde se nota a existência de algumas, mas raras cerâmicas e muito roladas cerâmicas pré-históricas, mas também, associadas a fragmentos cerâmicos medievais e modernos, igualmente muito fracturados.

Existe, ainda, um terceiro nível formado por terras muito compactadas, com presença de um número muito reduzido de fragmentos cerâmicos pré-históricos muito rolados. Não se verifica a existência de outros materiais arqueológicos. Este nível encontra-se imediatamente acima do substrato rochoso, e atingia uma potência máxima de 17cm.

Na zona intervencionada apareceram alguns blocos graníticos de dimensão pequena e média não estruturados. A escavação efectuada provou-nos a existência de materiais pré-históricos, eventualmente neolíticos, compostos por fragmentos de cerâmica lisa, dois restos de talhe em sílex e alguns seixos rolados tipo “ovinhos”. Os trabalhos de escavação evidenciaram um pequeno afloramento, até aí coberto com terra onde se pode ver mais uma covinha, com claros sinais de trabalho humano.

A presença de materiais pré-históricos, em contexto seguro, ainda que em número reduzido, a ausência de qualquer fundo de cabana, a presença de uma rocha soterrada onde se desenha uma covinha, localizada à mesma cota onde ocorreu a maior concentração de matérias pré-históricas e toda a envolvência da arte rupestre, à qual não será estranha a carga mágica que ainda hoje a comunidade lhe atribui e a proximidade à Anta da Horta, leva-nos a considerar

que este local poderá ter tido um significado mágico-religioso para a comunidade neolítica que construiu o seu *habitat* junto à Pedra da Águia.

Um ponto central do recinto das “Oliveiras do feitiço” possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614181; Y – 4342713; Geográficas: 007°40'38.1”W; 039°13'32.0”N.

Anta da Horta

Este sepulcro megalítico situa-se a cerca de cem metros para poente do Santuário das Oliveiras do Feitiço, entre plataformas artificiais construídas para regularização do terreno destinado a hortas. Para a regularização da pendente original do terreno onde a anta se situa foi aberto, em data desconhecida, um talude que cortou a mamoa do monumento, junto ao esteio de cabeceira. A Anta da Horta, quando identificada por Clara Oliveira, apenas apresentava dois esteios da câmara *in situ*. Os restantes encontravam-se tombados e parcialmente fracturados, no interior da câmara. Do corredor nada era visível. Depois de removidos os esteios tombados do interior do monumento iniciaram-se os trabalhos de escavação na área da câmara. Uma camada de terra muito humosa onde ocorriam diversos detritos modernos e contemporâneos sobrepunha-se a um único nível de depósitos arqueológicos funerários. Foi possível identificar resíduos de, pelo menos, três tumulações depositadas directamente sobre o solão de base, junto das quais se identificaram quatro ídolos-placa de xisto com decoração geométrica. Vários fragmentos de cerâmica, sobretudo lisa, mas alguma também decorada, idêntica à registada no *habitat* da Pedra da Águia associavam-se aos depósitos funerários. Estes depósitos, os únicos conservados na câmara, foram preservados porque sobre eles se encontrava tombado um volumoso esteio. Na restante área da câmara evidenciavam-se fossas de violações que atingiram a base do monumento e algumas até a ultrapassaram. Junto aos esteios conservados *in situ* identificaram-se lajes de xisto que, pelo menos naquele local revestiam o piso do monumento. Provavelmente, na origem todo o espaço interno da câmara teria sido revestido por lajes. Contudo, sob os depósitos funerários, que pareciam estar *in situ* não foi identificada qualquer laje. A ausência do piso original leva-nos a pensar que os depósitos funerários identificados não seriam contemporâneos da fase inicial de utilização funerária do monumento.

Concluída a escavação da câmara alargou-se o estudo do monumento para a zona provável do corredor. Imediatamente junto aos esteios da câmara e totalmente soterrados por terras da horta identificaram-se três prováveis esteios do corredor, arrancados e tombados. Prolongou-se a escavação para este tendo como objectivo uma possível identificação dos limites e *terminus* do corredor. A cerca de quatro metros da entrada da câmara e a uma profundidade de cerca de sessenta centímetros, em terras muito húmidas identificou-se um enorme depósito votivo colocado em torno de um crânio humano com a face virada para o interior do monumento, sustentado na zona occipital por um calcâneo. Este crânio apresentava-se rodeado por uma alargada panóplia de oferendas, composta por machados e enxós de pedra polida, ídolos-placa de xisto, micaxisto e arenito, cerâmicas carenadas, semi-esféricas e esféricas, placas de arenito sem decoração mas com formas inéditas, lâminas e pontas de seta de sílex. Não foi possível identificar com precisão o posicionamento deste notável conjunto artefactual em relação à estrutura lítica do monumento. A ausência de esteios e alvéolos do corredor, nesta zona, não nos possibilitou perceber se a deposição deste espólio ocorreu na zona inicial mas interna do corredor, se nalgum possível átrio à entrada do mesmo. Este depósito assentava sobre uma fina camada de argila que se unia ao solão de base.

Erguida durante o Neolítico, esta anta, de dimensões médias e provavelmente de corredor curto, acolheu no interior da sua câmara funerária diversos enterramentos dos quais chegaram até nós testemunhos de, pelo menos, três deposições em conexão anatómica. Os materiais que acompanhavam estas tumulações inscrevem-se, claramente, numa fase atribuível ao neolítico pleno, onde ocorrem cerâmicas lisas e placas de xisto decoradas. Um fragmento de mandíbula de um destes enterramentos foi submetido a datação por radiocarbono fornecendo a data de 3350 a 3020 Cal BC (dois sigmas) (Beta – 194313), o que se inscreve, plenamente, nos contextos do neolítico final desta zona do Alentejo. A zona média do corredor, porque muito destruí-

da, não nos possibilita qualquer tipo de compreensão. Contudo, num momento dos inícios do Calcolítico, se atendermos à presença de taças carenadas, ao fragmento de uma cabeça de alfinete em osso, canelada, e à presença de ídolos-placa em arenito, com decoração em relevo, o monumento volta a ser visitado e objecto de deposição e oferendas. Provavelmente, nesse momento é removido um crânio e um calcâneo do interior do câmara em torno do qual são colocadas as oferendas atrás referidas. Do calcâneo submetido a datação obteve-se a data de 2800 a 2760 Cal BC (dois sigmas) (Beta – 194312), o que nos parece ser uma data demasiado recuada relativamente aos materiais que se lhe encontravam associados. Levantamos, portanto, a hipótese de nos inícios do Calcolítico, durante algum ritual de culto aos antepassados, um crânio e um calcâneo para o sustentar terão sido removidos, provavelmente do interior da câmara, e ao seu redor foram depositadas diversas oferendas.

Para o estudo da mamoa utilizou-se o talude anteriormente aberto que apenas foi limpo e regularizado. Constatou-se que os esteios do corredor foram colocados no interior de alvéolos abertos na rocha de base sem recurso a qualquer estrutura pétreia detectável na mamoa. Esta era formada exclusivamente por terra, denotando-se junto aos esteios uma coloração mais clara decorrente de alguma argila aí colocada para fornecer maior estabilidade aos esteios.

Depois de concluída a escavação procedeu-se à remontagem dos esteios tombados e reforçou-se a mamoa na zona afectada pela abertura do talude.

A Anta da Horta possui as seguintes coordenadas obtidas por GPS:

Coordenadas UTM: X – 614119; Y – 4342691

Coordenadas geográficas: 07° 40' 40.7" W; 039° 13' 31.3" N

Anta da Soalheira

Georg e Vera Leisner, em 1959, localizam no concelho de Alter do Chão uma anta denominada de Soalheira. A anta que o casal Leisner se refere foi, entretanto, destruída pela plantação, na década de setenta, de um eucaliptal. Pela cartografia do século XIX verifica-se que existia um caminho que partia da zona da Coudelaria e se dirigia para a zona do Mato de Alter. Esse caminho era denominado por Azinhaga da Soalheira. A anta referida por Georg e Vera Leisner situava-se junto a esse caminho, já nas imediações do Mato de Alter, contudo, no interior da Coudelaria, que a azinhaga também servia, encontra-se outra anta igualmente denominada de Soalheira e que, também, ladeava o referido caminho, hoje profundamente alterado e incluído na Pista de Galope. Será, provavelmente, esta a anta a que o manuscrito da Biblioteca Pública de Évora se refere como situada na Coutada do Arneiro. Contudo, na parcela denominada Coutada do Arneiro, ou Tapada do Arneiro, situada no interior da Coudelaria, conhecem-se mais cinco antas ignorando-se, assim, a qual é que o autor do manuscrito se referia. Pela volumetria das antas em apreço é a da Soalheira a de maiores dimensões e a que se situa em cota mais alta sendo, portanto, a que mais se destaca e, por esses motivos, a que seria mais conhecida.

Quando, há poucos anos, foi construída a Pista de Galope foram removidos grandes blocos de pedra e colocados sobre a Anta da Soalheira. Quando foi identificada por Clara Oliveira pouco se via da estrutura neolítica, totalmente sufocada por enormes pedras.

Os trabalhos que desenvolvemos nesta anta iniciaram-se com difícil remoção do depósito de pedras. Observou-se, então que o monumento se apresentava muito fracturado preservando-se unicamente *in situ* e inteiros, ainda que ligeiramente deslocados para o interior dois esteios da câmara. No corredor era ainda visível uma das tampas, conservada no local original. A escavação iniciou-se pela zona da câmara na qual se veio, de imediato a detectar uma profunda violação que se prolongou até à rocha e abrangia toda a área da câmara funerária. No interior da violação ocorriam, materiais de todas as épocas, com predominância de cerâmica de construção romana. A cerca de cinquenta centímetros de profundidade a fossa de violação começou a revelar terras com densas manchas de cinzas, onde ocorriam, esporadicamente e exclusivamente, fragmentos de tijoleira romana. Estas terras com cinzas prolongavam-se até um empedrado formado por seixos rolados que assentavam directamente na rocha e preenchiam, especialmente, o local que tinha sido ocupado pela base do esteio de cabeceira, hoje desaparecido. Estes seixos

apresentavam fracturas térmicas e uma coloração escura, sinal do fogo que teriam suportado. Estávamos em presença de um fundo de cabana provavelmente utilizado durante a dominação romana, ou na alta Idade Média. A estrutura funerária neolítica foi, assim, reutilizada para dar abrigo a algum pastor que por estas bandas apascentaria o seu rebanho. Dessa ou de outras reutilizações resultou o desaparecimento do esteio de cabeceira, a fractura de mais quatro e a total destruição dos depósitos funerários neolíticos. Esta destruição afectou, igualmente, grande parte dos níveis neolíticos do corredor. Apenas na zona média da galeria foi possível identificar, por entre terras mais consolidadas, um depósito, pouco remexido, constituído por um ídolo-placa de micaxisto, um pequeno machado polido e uma porção de um grande recipiente de cerâmica.

O mais significativo desde monumento é a sua estrutura arquitectónica. Uma câmara poligonal regular de sete esteios unia-se a um corredor curto. No interior separavam a câmara do corredor dois pequenos pilares de granito coadjuvados por duas lajes de xisto com a mesma altura dos pilares, configurando uma verdadeira porta. Os pilares de granito são contemporâneos da fase construtiva original do monumento, contudo as lajes de xisto poderão ter sido aí colocadas durante algum momento posterior. Provavelmente a colocação destas lajes poderá ter ocorrido no mesmo momento em que o corredor foi prolongado. De facto, são perfeitamente visíveis duas fases construtivas do corredor. O tramo mais antigo é constituído por grandes esteios e apresenta uma orientação de 95°. A segunda fase é formada por esteios mais pequenos, alguns de xisto, e orienta-se a 115°. Este prolongamento do corredor e desvio de 20° para sul terá ocorrido já na fase final do Neolítico ou mesmo já durante o Calcolítico. Infelizmente, na zona terminal do corredor não foi identificado qualquer artefacto que nos pudesse confirmar esta suposição.

Durante a fase de remoção dos blocos de pedra que se acumulavam sobre a câmara do monumento identificaram-se duas porções da parte superior um grande menir em granito. Estas duas porções, que davam colagem, poderiam ter pertencido a algum menir reutilizado na construção do monumento funerário, como também ocorre noutras antas da Coudelaria. Contudo, o estado de destruição do monumento não nos possibilitou uma correcta apreciação do seu lugar original, embora reste a suspeição desta porção de menir poder pertencer ao tramo de esteio que se situa entre o alvéolo do esteio de cabeceira e o primeiro esteio conservado *in situ*. Como não foi possível reconhecer o lugar original, durante a fase de remontagem do monumento procedemos à colagem e implantação deste menir numa zona da mamoa já destruída, na face norte do corredor. A sondagem aberta na mamoa possibilitou-nos reconhecer que se esta é constituída, maioritariamente, por terras muito compactadas com presença de blocos de granito, colocados, unicamente, junto aos esteios. As pedras da mamoa assentavam directamente sobre uma fina camada de terra muito clara e compacta, que se adossava directamente à rocha em desagregação. Cobria as pedras da mamoa uma camada de terra humosa com potências que variavam entre os cinco e os quinze centímetros.

A Anta da Soalheira possui as seguintes coordenadas obtidas por GPS: UTM; X – 613663; Y – 4342679 e geográficas: 007° 40' 59.8" W; 039° 13' 31.1" N.

Anta da Várzea Grande

Este monumento funerário situa-se no topo de uma língua de terra sobranceira a uma vasta e fértil várzea. Monumento obtido em granito apresentava-se, antes do início dos trabalhos, com claros sinais de destruição, embora na câmara os esteios parecessem encontrar-se, maioritariamente *in situ*. Os esteios do corredor e dois fragmentos do chapéu encontravam-se amontoados a nascente da câmara sendo difícil determinar a sua correcta orientação. Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se no interior da câmara funerária. Após a extracção da camada humosa identificou-se um nível de terra solta com abundantes seixos de quartzito rolado, que se dispunham de maneira arbitrária pelo interior da câmara do monumento. Neste nível identificaram-se pequenos fragmentos de tecido pertencentes a uma saca. Provavelmente, o depósito de calhaus rolados, recolhidos na linha de água que corre nas imediações, terá servido de base de lareira para abrigo de algum pastor. Durante as várias decapagens realizadas observamos a presença constante de pequeníssimas esferulas de osso, tanto na câmara como no corredor. Por

entre o fino nível de terra muito revolvida que se identificou sob a camada de calhaus rolados até à rocha, recolheu-se um fragmento de mandíbula humana e um dente de cavalo. O fragmento de mandíbula terá pertencido a um jovem adulto. Ambas as peças foram submetidas a datação por radiocarbono. O dente de cavalo forneceu uma data posicionável na segunda metade do século XVII (Beta – 214598 Cal AD 1650 a 1670; Cal BP 300 a 280), enquanto que a mandíbula, por ausência de colagéneo, não possibilitou qualquer resultado cronométrico.

Ao atingir-se a base do monumento reconheceu-se a presença de diversos abatimentos na rocha resultado das violações que terá sofrido. A face interna do alvéolo do esteio de cabeceira terá sido destruído durante o processo de violação, ou violações de que esta anta foi alvo. Com o início das decapagens na área do corredor verificou-se que nenhum dos esteios e blocos graníticos presentes se encontrava implantado no seu respectivo alvéolo. Toda a zona do corredor apresentava sinais de profundos revolvimentos que se prolongavam até à base. O grau de destruição decorrente de violações afectou também os prováveis alvéolos dos esteios do corredor, tornando-se muito difícil, em fase de remontagem do monumento, a reimplantação dos esteios. O elevado grau de destruição não possibilitou o reconhecimento da dimensão correcta do corredor nem a sua precisa orientação. Para uma melhor compreensão da mamoa abriu-se uma sondagem tendo-se verificado que um nível na base, inicialmente constituído por pequenos blocos de quartzito rolados, muito compactados e uniformes, assentava sobre uma fina camada de argila que regularizava a rocha de base. Uma segunda camada de blocos graníticos, de dimensões médias, sobrepõe-se ao nível de seixos rolados. Esta segunda camada foi compactada e consolidada com terra e outros blocos mais pequenos.

O estado de destruição e sobretudo o esvaziamento quase total do interior deste monumento forneceu um conjunto artefactual muito reduzido caracterizado por dois recipientes cerâmicos, quatro machados de pedra polida de secção sub-rectangular, dois geométricos e um fragmento de lâmina, todos em sílex.

A Anta da Várzea Grande, possui as seguintes coordenadas obtidas por GPS: UTM: X – 612400; Y – 4342518; Geográficas: 07°41'52.5" W; 039°13'26.5" N.

Necrópole alto-medieval do Reguengo

Os testemunhos funerários atribuíveis à Alta-Idade-Média identificados na Coudelaria de Alter definem uma necrópole, formada por seis sepulturas escavadas na rocha e mais duas isoladas e significativamente afastadas do grupo que denominámos como necrópole. Os trabalhos previstos para estes sepulcros resumiam-se à sua limpeza e desobstrução porque, como seria de esperar, já nada de contemporâneo da sua original função deveriam conter no seu interior, o que se veio a confirmar. O grupo que denominámos como Necrópole do Reguengo localiza-se no topo dos afloramentos graníticos que ladeiam a estrada que liga o portão com a zona urbana da Coudelaria. Estes afloramentos estendem-se por cerca de trezentos metros tendo sido aproveitados para neles rasgarem os sepulcros. As sepulturas não apresentam qualquer orientação predefinida ocupando o melhor espaço dos afloramentos. De igual forma, identificam-se sepulcros antropomórficos e outros totalmente rectangulares. Apenas um dos afloramentos foi utilizado para receber três sepulturas, duas de adulto e uma, muito mais pequena, destinada, provavelmente, a uma criança. Em dois dos afloramentos notava-se que as respectivas sepulturas tinham sido reutilizadas como lagares em época posterior. Não se suspeitava, contudo, que na base dos afloramentos viéssemos a encontrar vestígios dessas reutilizações. Quando procedíamos à limpeza da sepultura nº1 detectou-se uma concentração de cinzas nas terras que ladeavam pelo norte o afloramento. Ao aprofundar-se a limpeza nesse local identificou-se a parte inferior de uma talha de cerâmica encostada ao afloramento e protegida a poente por um murete, muito destruído, obtido em pedra, unida por argila. Em torno da talha as cinzas acumulavam-se e as pequenas pedras que aí se encontravam apresentavam-se muito fracturadas por acção do fogo. Identificou-se, assim, a estrutura de combustão e a talha destinadas à preparação de azeite. A sepultura teria servido, deste modo, como tina de recolha da massa de azeitona que previamente era esmagada na parte superior do afloramento. Em torno da sepultura são visíveis diversos

canais rasgados na rocha que conduziam e separavam a massa da azeitona, em fase de transformação.

Na sepultura n.º 2, que igualmente apresenta sinais de reutilização como lagar viemos também a proceder a uma pequena escavação nas terras que se encontram na face norte do afloramento. Também aqui identificámos uma estrutura de combustão obtida por blocos de pedra envoltos por terras com abundantes cinzas. Neste local já não se conservava a talha que aí teria existido na qual, por aquecimento, se separava o azeite das denominadas águas russas.

Ainda que sem elementos seguros de datação teremos que aceitar que estas reutilizações dos sepulcros terão que ter ocorrido num período suficientemente distante da sua funcionalidade inicial, possibilitando a perda da memória funerária do local. Tratando-se, contudo, de sistemas de prensagem tão artesanais teremos que situá-los, temporalmente, na Idade-Média ou inícios da Idade-Moderna.

A Sepultura I possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614488; Y – 4342333; Geográficas: 007º 40'25.6" W; 039º 13'19.5" N.

Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo

A pequena aldeia do Reguengo foi aglutinada pela Coudelaria na década de trinta do século XX. Gradualmente, as casas de habitação foram compradas aos seus proprietários e a aldeia transformada em campos de pastagem. Da aldeia do Reguengo, nos finais da década de trinta, apenas restava a Igreja Paroquial e a Escola Primária. As ruínas da velha escola, envoltas por frondosas silvas, ainda hoje subsistem ao passar dos anos. A Igreja Paroquial de S. Bartolomeu do Reguengo desapareceu completamente. Dela apenas era visível uma suave plataforma, ladeada a norte por um troço de calçada e por frondosas figueiras que entrelaçavam entre si os ramos. Durante as prospecções, Clara Oliveira registou a localização da Igreja Paroquial através de informações orais, já que de testemunhos materiais do antigo templo nada subsistia. Depois de muito procurarmos sobre as razões de tão enigmática destruição e para as quais apenas encontrávamos respostas evasivas, foi-nos confidenciado por um ancião de Alter, que quando criança ainda morou na aldeia do Reguengo, das razões para a radical destruição da Igreja. Com a aquisição das casas da aldeia, as respectivas hortas e sobretudo os olivais que as rodeavam passaram para a posse da Coudelaria, ao tempo tutelada pela Arma de Cavalaria. Na altura da colheita da azeitona a maior parte ficava abandonada e os antigos proprietários voltavam aos olivais e colhiam ou apanhavam aquela que os militares não queriam. Ano após ano, esta prática manteve-se sem qualquer conflito. Nos inícios da década de quarenta verificou-se uma mudança no comando da Coudelaria. Novo chefe militar chegou e ao aperceber-se que civis andavam a recolher azeitona chamou a Guarda Republicana para expulsar as gentes estranhas à Coudelaria. Com forte contestação do povo a patrulha da GNR terá utilizado da força, provavelmente com algum exagero e expulsou quem por ali andava a apanhar azeitona. Nesse ano, quando chegou o dia 24 de Agosto, as gentes de Alter e sobretudo os antigos habitantes da aldeia encaminharam-se para a tradicional romaria que se realizava no adro da Igreja de S. Bartolomeu, agora no interior dos muros da Coudelaria. Enquanto os devotos festejavam o seu santo chegou a patrulha da GNR formada pelos mesmos guardas que, meses antes, tinham expulso os que por ali apanhavam azeitona. Ou, por que o álcool já se fazia sentir ou, porque era “dia do diabo andar à solta” ou porque a revolta e a fome por ali pairavam, os guardas foram cercados e não fosse um sargento reformado acorrer à vila a pedir reforços e a patrulha não teria dali saído com vida. O comando da Coudelaria sabendo do incidente e para acabar de vez com a presença de “paisanos” na sua propriedade acordou com o pároco de Alter proceder à destruição total da Igreja e, em contrapartida, doar à paróquia uma casa, propriedade da Coudelaria, que se situa na vila. Acordo fechado, imagens trasladadas para Alter e os militares encarregaram-se de apagar as memórias da Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo. A vetusta pia baptismal de granito foi transformada em canteiro de salsa na Casa da Horta, o sino ainda se guarda numa casa particular de Alter, o fuste do cruzeiro encontrámo-lo tombado na Coudelaria.

Os tempos mudam e as vontades também e, por sugestão do actual director, Dr. João Costa Ferreira, procedemos a sondagens no local da velha igreja, tentando recuperar a memória

perdida. Sob uma fina camada de manta morta de imediato começaram a evidenciar-se diversas sepulturas que se situavam no interior do velho templo. O pavimento de tijoleira que as cobriria tinha desaparecido. Durante a escavação, numa tarde soalheira de Inverno deslocámo-nos ao Lar da Terceira Idade de Alter para, junto dos mais idosos, recolhermos mais alguma informação sobre a arquitectura da Igreja de S. Bartolomeu. Rapidamente, estávamos rodeados de memórias mais ou menos esquecidas que, mais do que nos informar, queriam saber o que por lá andávamos a fazer. Ao referir que já estávamos a encontrar sepulturas, uma lágrima deslizou por uma enrugada face. Num som consumido pelo tempo, uma quase centenária senhora, balbuciou que o seu pai estava lá enterrado. A escavação em profundidade parou imediatamente. As sepulturas já postas a descoberto foram de novo tapadas e apenas procurámos identificar os muros da velha igreja. Com a concordância da Direcção da Coudelaria optámos por altear simbolicamente os muros detectados, demarcando o perímetro físico da igreja. Um altar foi construído e uma porta com arco de volta perfeita foi refeita. O lajeado que se identificou junto à entrada foi consolidado, a pia baptismal regressou ao lugar original, uma torre sineira em ferro foi montada. Do velho sino, sintomaticamente, ninguém se recordava ... O fuste do cruzeiro foi erguido no local que outrora ocupava, encimada por uma velha cruz de ferro, proveniente da Azaruja. As ruínas fingidas ficaram prontas no dia 22 de Agosto de 2003. Faltavam dois dias para que, passados mais de sessenta anos, a Romaria de S. Bartolomeu fosse retomada. O Padre Paulo permitiu que no dia 24, com pompa e circunstância e transportada por carro de cavalos, a imagem seiscentista de S. Bartolomeu regressasse à sua casa. As ruínas da Igreja estavam apinhadas de gente para ouvirem as palavras do Padre Paulo. Uma lápide lembrando os que ali receberam sepultura foi descerrada no fim do acto religioso. A Câmara Municipal ofereceu as sardinhas e o vinho, a banda tocou e o novo sino repicava lembrando às centenas de pessoas que aí se juntaram até altas horas da madrugada que a romaria de S. Bartolomeu tinha renascido porque uma lágrima deslizou por uma enrugada face.

As ruínas da Igreja de S. Bartolomeu possuem as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614124; Y – 4342869; Geográficas: 007° 40' 40.4" W; 039° 13' 37.0" N.

Em conclusão

Os trabalhos de prospecção e escavação realizados, durante três anos, na Coudelaria de Alter vieram a revelar uma notável riqueza patrimonial até agora desconhecida. Os testemunhos paleolíticos foram registados nas margens das ribeiras que atravessam a Coudelaria. As primeiras comunidades neolíticas estabeleceram-se em diversos locais, especialmente na zona do Reguengo. Procurando a protecção dos grandes afloramentos aí construíram cabanas com pisos empedrados, circundados por canais para drenagem das águas pluviais. Para cozinharem os alimentos moldaram, em barro, pequenos fornos no interior dos *habitats*. Segmentos do seu mundo mágico-religioso chegaram até nós através de mensagens gravadas nos afloramentos graníticos no Santuário das Oliveiras do Feitiço. Três menires, actualmente incorporados em antas, foram talhados e erguidos na área da Coudelaria. Os seus mortos e dos seus descendentes foram tumulados nos sete sepulcros megalíticos que se preservaram. Dos tempos em que o homem começa a dominar a técnica da fundição do metal, no Calcolítico, registámos, pelo menos, uma revisitação à Anta da Horta e uma reconfiguração do corredor da Anta da Soalheira. A presença romana terá sido muito reduzida nesta propriedade, porque os solos pesados por aqui não abundam. Com a desagregação do Império Romano estas terras voltam a ser procuradas. Durante a Alta-Idade-Média uma comunidade aqui se terá estabelecido, tumulando os seus mortos em sepulcros rasgados nos afloramentos graníticos. Provavelmente, terá sido esta comunidade que terá dado origem à desaparecida Aldeia do Reguengo. Uma moeda de prata de Abderramão II, encontrada na Toca da Raposa, testemunha que no século IX também por estas terras deambulavam gentes com algum poder económico. Durante a Idade-Média as sepulturas escavadas na rocha são transformadas em lagares de azeite, provavelmente pelas gentes que já nessa época viviam no lugar que se viria a transformar na aldeia do Reguengo. Seria também essa comunidade, por altura da visita de D. Pedro I a Alter do Chão, profundo devoto de S. Bartolomeu, que inicia a construção da sua igreja dedicada ao santo que prendeu o diabo que andava à solta.

Pelo século XVI sabe-se que estas terras já eram pertença do Rei, o Reguengo de Alter e que em meados do século XVII dentes de um cavalo são enterrados na Anta da Várzea Grande, como nos mostra a datação a que foi submetido um dos dentes. Em 1748, por vontade de D. João V, aqui é instalada a Eguada Real, constituindo-se a Real Coudelaria de Alter.

Nota

Os trabalhos realizados na Coudelaria de Alter tiveram a co-direcção de: Gerardo Gonçalves – Anta da Várzea Grande; Joana Vivas – Igreja de S. Bartolomeu (2ª fase) e Locus II; João Parreira – Habitat do Reguengo (2ª fase); Mafalda Capela – Igreja de Bartolomeu (1ª fase); Mauro Constantino – *Locus* da Toca da Raposa; Miguel Correia – Levantamento da Arte Rupestre; Paulo Domingues – Anta da Horta e Santuário; Sara Ramos – Anta da Soalheira, Habitat do Reguengo (1ª fase) e Locus I.

Prospecção: Clara Oliveira; Técnicos de Arqueologia: Conceição Roque e Cristina Costa; desenho de peças: Joana Vivas, Conceição Roque e Madalena Vaz Freire

Bibliografia

- Andrade, Rui & Ferreira, Joaquim Tiago (1947); Elementos para a História da Coudelaria de Alter, *Boletim Pecuário*, nº1, Lisboa.
- Attwater, Donald; *Dicionário de Santos*, Publicações Europa-América, 1983.
- Barreto, Manuel dos S. et alii (1978); Arqueologia Romana do Concelho de Alter do Chão, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, AAP, Lisboa.
- Calado, Rafael Salinas (1944); *Alter do Chão – Uma das vilas mais interessantes do Alentejo*, Imprensa Lucas.
- Cardoso, P. Luiz (1751); *Diccionario Geografico ou Notícia Histórica ...*, Tomo II, Lisboa.
- Diniz, Mariana (2001a); O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.4, nº1, IPA, Lisboa.
- Diniz, Mariana (2001b); Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.4, nº2, IPA, Lisboa.
- Duque, David (2005); Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chão y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambientales de la Prehistoria reciente del Suroeste peninsular, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.8, nº1, IPA, Lisboa.
- Encarnação, José d' (1984); *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Instituto de Arqueologia de Coimbra, Coimbra.
- Falcão, José António; Pereira, Fernando António Baptista (1996); *A Imagem Gótica da Igreja de São Bartolomeu da Serra (Santiago do Cacém)*, Beja, Dep. do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, Beja.
- Gonçalves, Victor S. (2002); Lugares de Povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 5, nº2, IPA, Lisboa.
- Inácio, Ana Calado (1992); O actual Concelho de Alter do Chão nas Memórias Paroquiais de 1758, *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, Nº7 (Nova Série).
- Keil, Luís (1943); *Inventário Artístico – Distrito de Portalegre*, Academia Nacional de Belas Artes.
- Leisner, Georg & Vera (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Albinsel*, Der Westen, Berlin.
- Oliveira, Clara (2000); *Relatório do Trabalho de Prospecção Arqueológica na Coudelaria de Alter*, Abril/Junho. (estudo inédito policopiado).
- Oliveira, Jorge de (1997); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, ed. especial da Ibn Maruán, Lisboa.
- Oliveira, Jorge de (2001a); O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão – Cedillo, *Muitas antas pouca gente?*, Trabalhos de Arqueologia 16, IPA, Lisboa.
- Oliveira, Jorge de (2001b); Continuidade e Rupturas do Megalitismo do Distrito de Portalegre, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- Paço, Afonso do (1949); Inscrição Cristã do Monte Velho (Beirã-Marvão), *Brotéria*, Vol XLIX, Lisboa.
- Réau, Louis (1958); *Iconographie de L'Art Chrétien. Iconographie des Saints*, Paris, Press Universitaires de France, Paris.

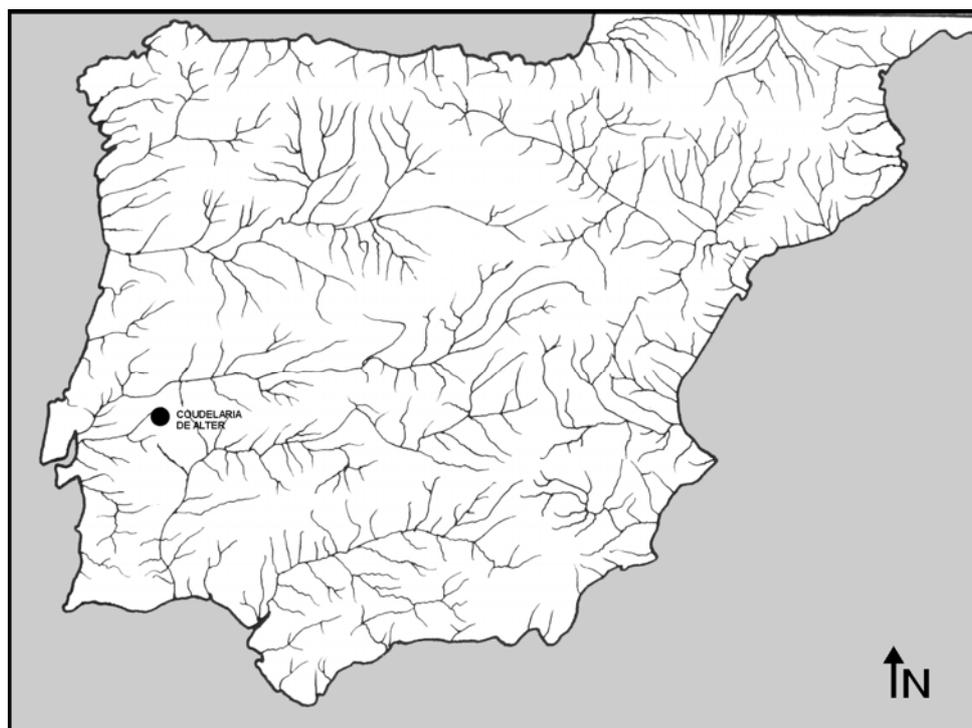
Ribeiro, Teresa Casquilho (1998); *O Município de Alter do Chão nos finais do séc. XVIII*, Palimage Editores, Lisboa.

Rocha, Leonor (2005); “Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central – a contribuição de Manuel Heleno”, Dissertação de Doutoramento, ed. policopiada.

Tavares, José Campos (1990); *Dicionário de Santos*, Lello & Irmão, Porto.

Legenda das Plantas

- 1- Coudelaria de Alter na Península Ibérica
- 2- Localização dos sítios arqueológicos na Coudelaria
- 3- *Habitat* da Porta do Tempo
- 4- *Locus* da Toca da Raposa
- 5- *Habitat* da Pedra da Águia
- 6- Anta da Horta
- 7- Anta da Soalheira
- 8- Anta da Várzea Grande
- 9- Sepultura n.º1 com implantação das estruturas do lagar
- 10- Igreja de S. Bartolomeu

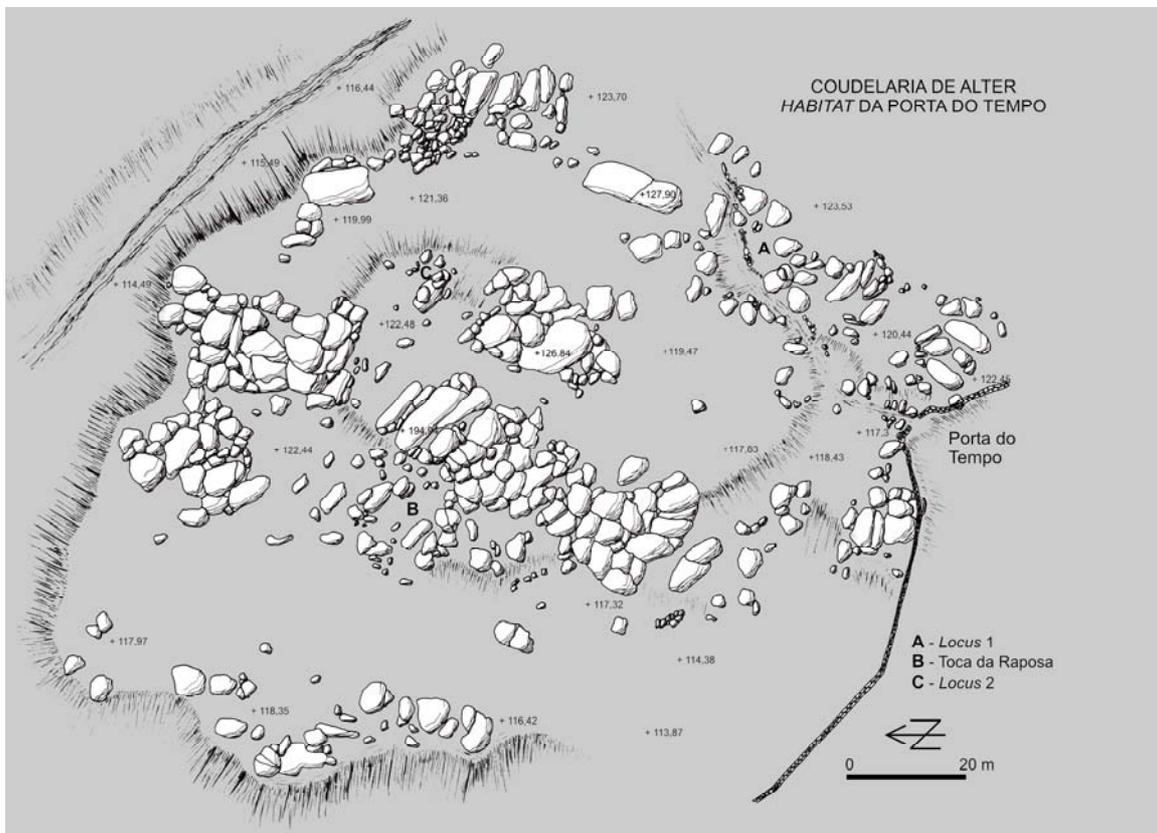
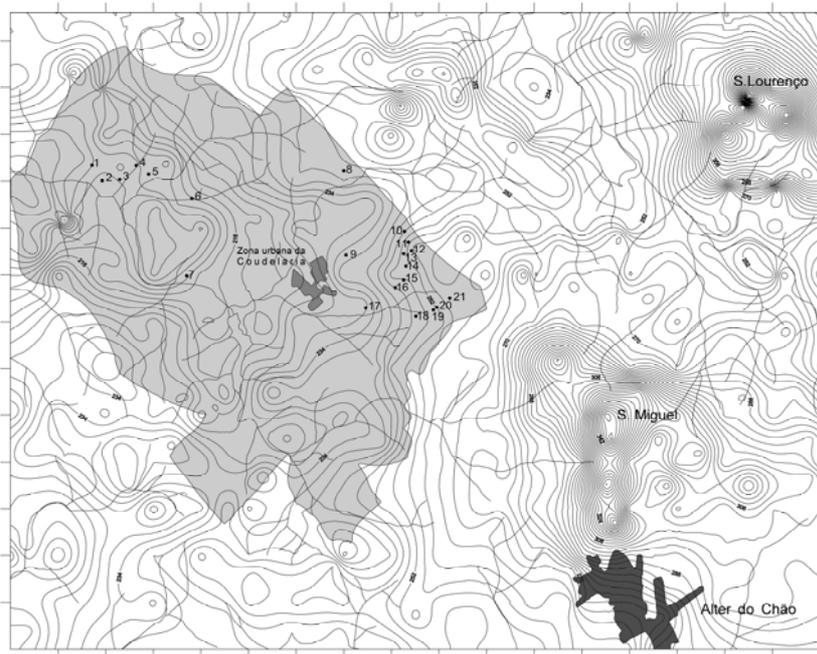


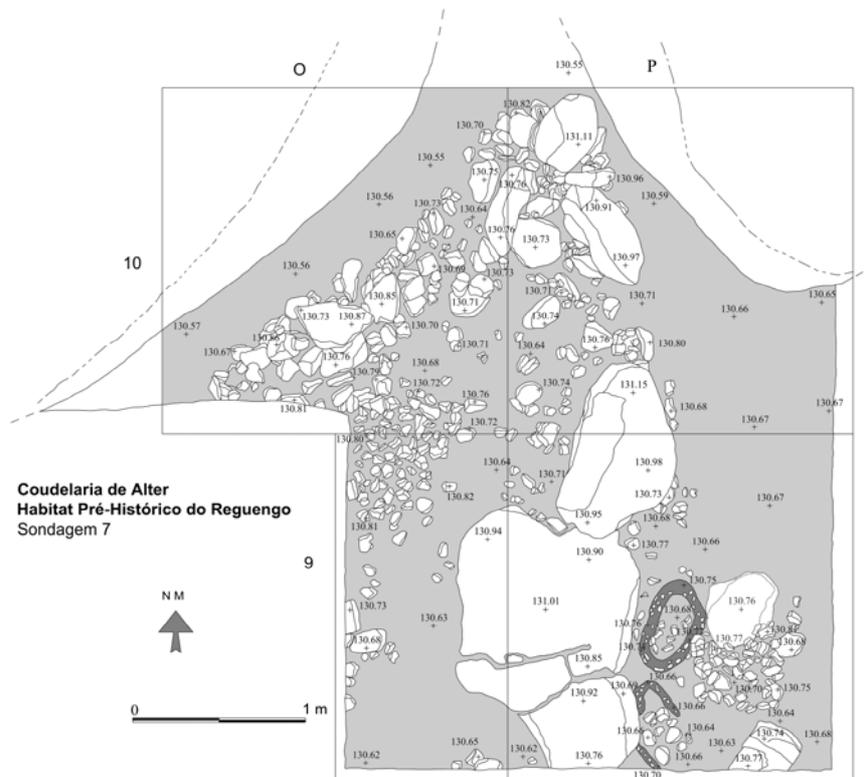
Localização da Coudelaria de Alter

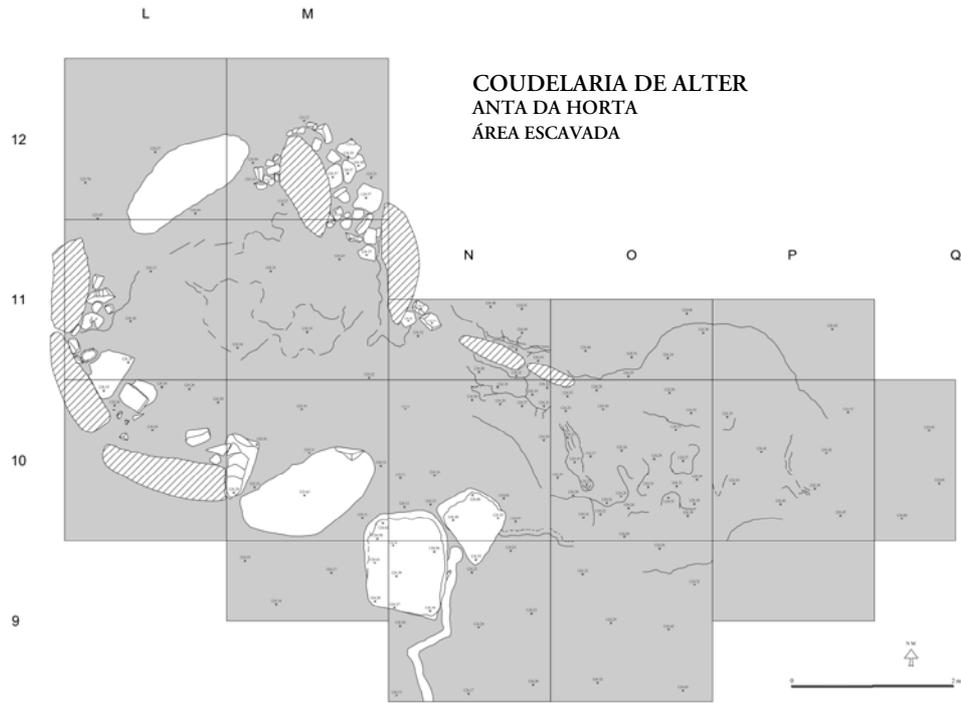
COUDELARIA DE ALTER
JAZIDAS ARQUEOLÓGICAS

Legenda

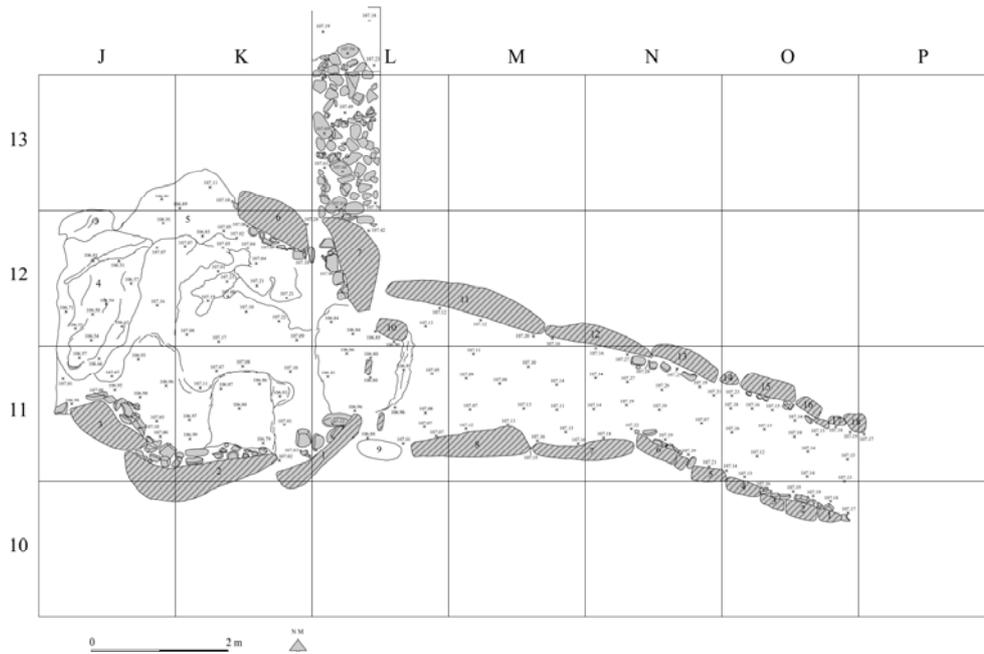
- 1-Anta do Vale de Camaras IV
- 2-Anta do Vale de Camaras III
- 3-Habitat Neolítico
- 4-Anta do Vale de Camaras II
- 5-Anta do Vale de Camaras I
- 6-Chapa
- 7-Anta da Vazzea Grande
- 8-Habitat Alto-Medieval/Moderno da Forte da Área
- 9-Anta da Soalheira
- 10-Igreja de S. Bartolomeu
- 11-Habitat Neolítico do Réguingo
- 12-Santuário Pré-Histórico
- 13-Anta da Norta
- 14-Habitat Calcolítico
- 15-Sepultura V
- 16-Loc. da Porta do Tempo
- 17-Sepultura VI
- 18-Sepultura IV
- 19-Sepultura II
- 20-Sepultura III
- 21-Sepultura I



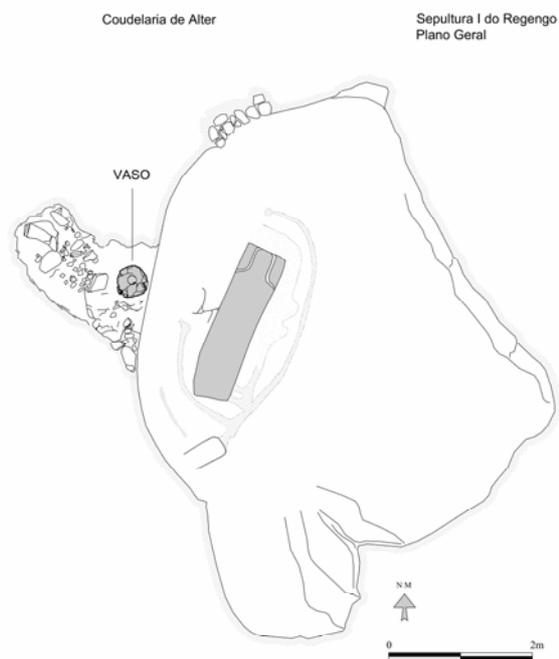
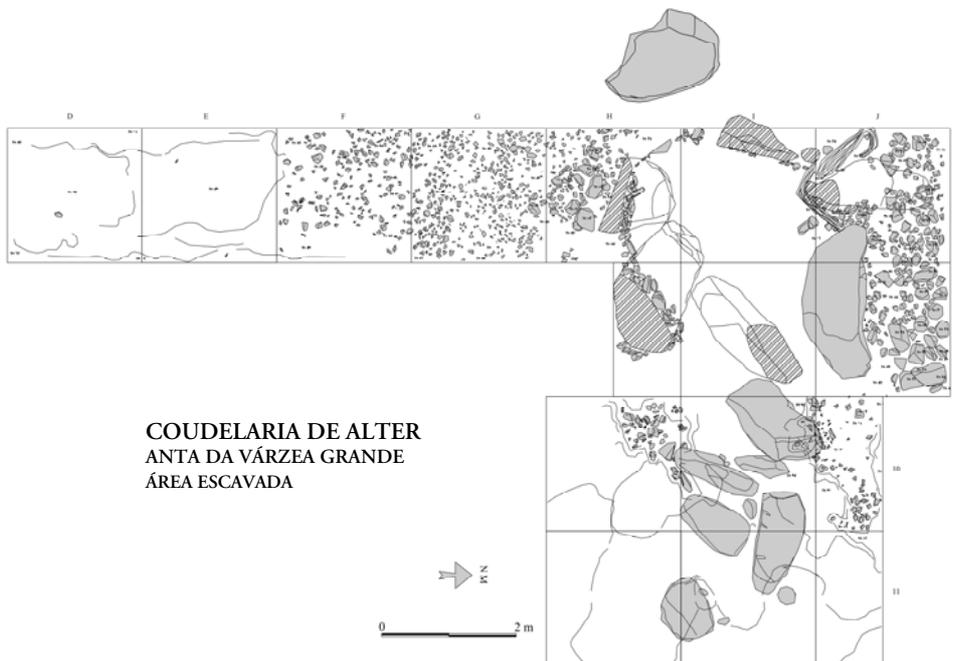




COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA SOALHEIRA
ÁREA ESCAVADA



COUDELARIA DE ALTER



Necrópole da Alta Idade Média do Reguengo – Sepultura 1

